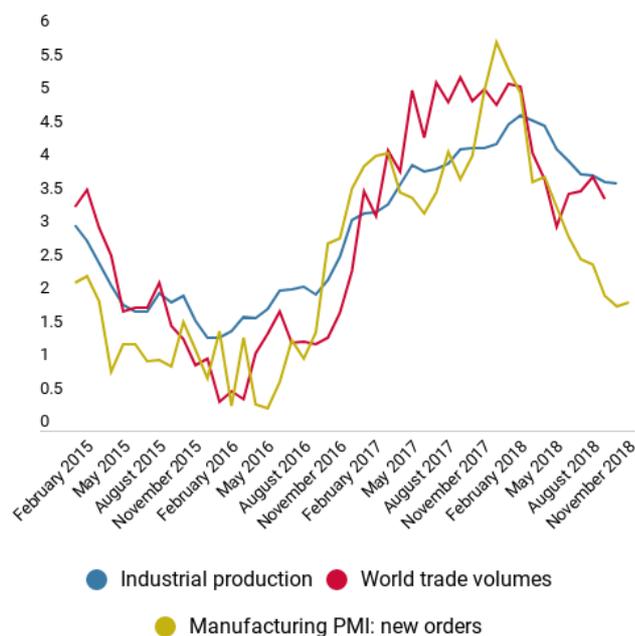


Chegando ao final do ano, autoridades do Fundo Monetário Internacional (FMI) selecionaram 5 gráficos que melhor explicam o desempenho da economia global em 2018. Partindo desta análise do FMI, vamos utilizar este último Opinião do ano para resumir o comportamento do cenário externo em 2018 e reproduzir a mesma análise para o Brasil, elencando os 5 principais gráficos que ilustram o desempenho da economia brasileira este ano.

Começando pela análise externa, depois do forte crescimento no final de 2017, a economia global perdeu um pouco de tração em 2018. Pelo primeiro gráfico¹, podemos ver que essa perda de dinamismo é reflexo tanto de uma desaceleração da produção industrial, quanto de uma queda do volume de comércio mundial

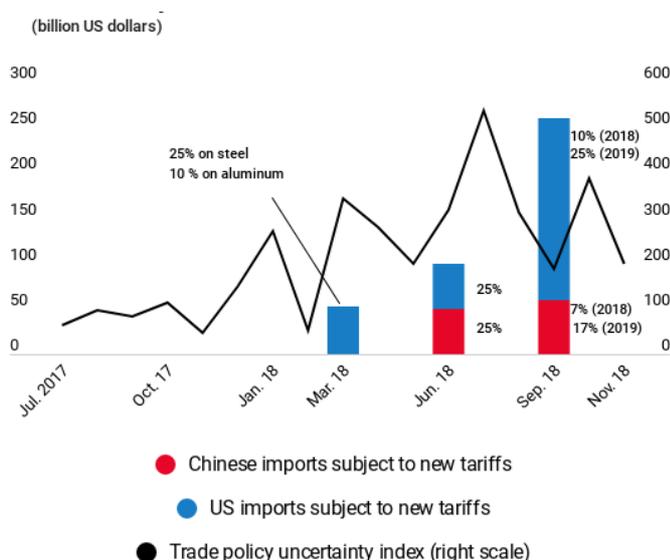
(percent change; difference from 50 for PMI)



¹ Todos os gráficos estão na página do FMI: <https://blogs.imf.org/2018/12/20/5-charts-that-explain-the-global-economy-in-2018/>

Uma das razões por detrás desse desaquecimento da economia global é a guerra comercial, que se intensificou neste ano. Em especial, vale destacar o avanço da retórica protecionista do presidente americano, Donald Trump. Só neste ano, Trump elevou as taxas sobre importações americanas de aço e alumínio, e as tarifas sobre US\$ 250 bilhões de produtos produzidos na China, além de ameaçar a implementação de novas taxas. Pequim, por sua vez, tomou medidas de retaliação, o que ajudou a intensificar o impacto negativo do protecionismo na economia global.

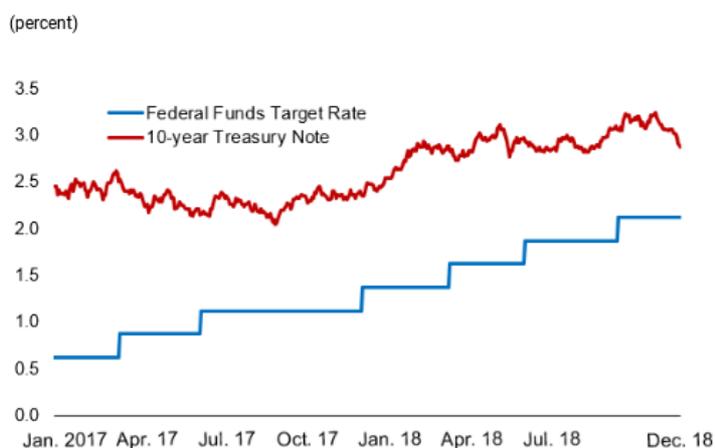
O Gráfico 2 também mostra o aumento das incertezas, levando a postergação dos investimentos. A tensão comercial foi um dos principais fatores que prejudicaram a economia global este ano e, muito provavelmente, deve continuar impactando negativamente na atividade mundial em 2019.



Apesar da perda de dinamismo global e da guinada protecionista de Trump, a economia americana surpreendeu os analistas e acabou registrando em 2018 crescimento bem acima

do esperado. No final de 2017, os membros do Federal Reserve projetavam um crescimento do PIB de 2,5% este ano, condizente com 3 aumentos da taxa de juros. No entanto, diante do corte de impostos anunciado no final de 2017, que estimulou o consumo das famílias americanas, a atividade apresentou um desempenho acima do esperado, levando o banco central a ser ligeiramente mais agressivo na alta de juros, em meio a uma expansão do PIB de 3,0%².

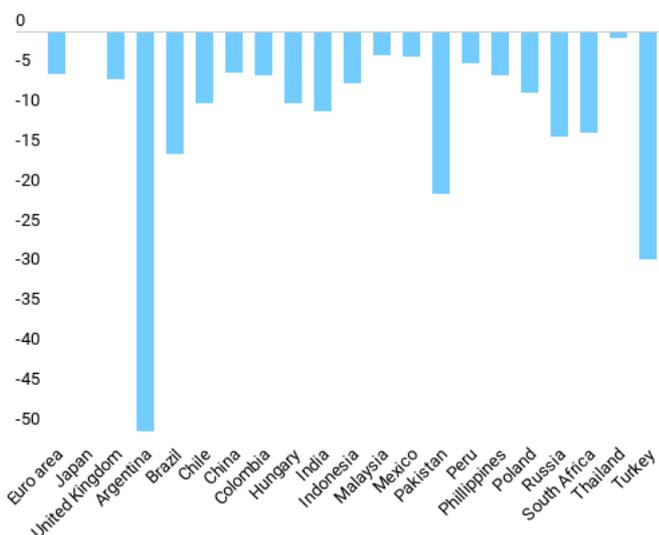
Diante do maior aperto monetário, a curva de juros dos Estados Unidos se deslocou para cima. No entanto, a percepção de que a taxa de juros neutra americana se situa abaixo da média histórica dos últimos anos conteve parte da alta dos rendimentos dos papéis mais longos, gerando um movimento de achatamento da curva. Este comportamento preocupa os investidores, que relacionam a inversão da curva de juros com o aumento da probabilidade de uma recessão nos Estados Unidos.



² Mediana das projeções dos membros do Fed divulgada na última reunião deste ano.

Enquanto o banco central americano aumentou 4 vezes o Fed Funds este ano, outros países avançados estão passos atrás no movimento de normalização monetária. No Japão, por exemplo, tivemos apenas alterações de cunho técnico na política monetária este ano. Já na zona do euro, o Banco Central Europeu (BCE) até reduziu seu volume de compras mensais, mas só encerrou seu programa de relaxamento monetário (QE) em dezembro. Além disso, uma política monetária restritiva está fora do radar da zona do euro no momento. O BCE sinalizou que deve manter seus juros estáveis pelo menos até o verão do próximo ano. Esse diferencial de política monetária é um dos principais fatores que levou a uma apreciação mais forte do dólar frente a maioria das demais divisas.

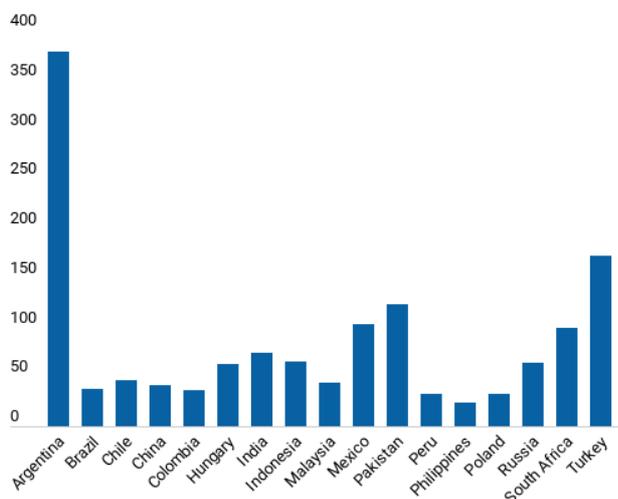
(nominal exchange rate vs. US dollar; percent; December 31, 2017 to latest)



Para encerrar o panorama externo de 2018 precisamos falar sobre a crise das economias emergentes. Diante da apreciação do dólar, elevação do risco financeiro global e alta vulnerabilidade externa, países como Argentina e Turquia enfrentaram fortes crises econômicas. A maioria desses países teve aumento significativo do custo de financiamento

externo, mas a magnitude e duração com que essa crise atingiu cada economia variaram sensivelmente.

(change in basis points; December 31, 2017 to latest)



O Brasil também foi afetado pela essa crise dos mercados emergentes, apesar de ter uma situação bem confortável das contas externas. Nesse contexto, vamos iniciar agora os 5 gráficos que, no nosso ponto de vista, melhor descrevem o comportamento da economia brasileira em 2018.

O crescimento do PIB acabou decepcionando este ano. Se no final de 2017 o mercado esperava uma expansão da economia de 2,7%³, agora vemos projeções mais próximas de 1,3%⁴ para 2018. Apesar disso, vale destacar que permanecemos na tendência de

³ Relatório Focus do dia 29 de dezembro de 2017.

⁴ Relatório Focus do dia 21 de dezembro de 2018.

recuperação. Este deve ser o primeiro ano desde 2013 que todos os setores pelo lado da oferta - Agricultura, Serviços e Indústria - registraram crescimento.

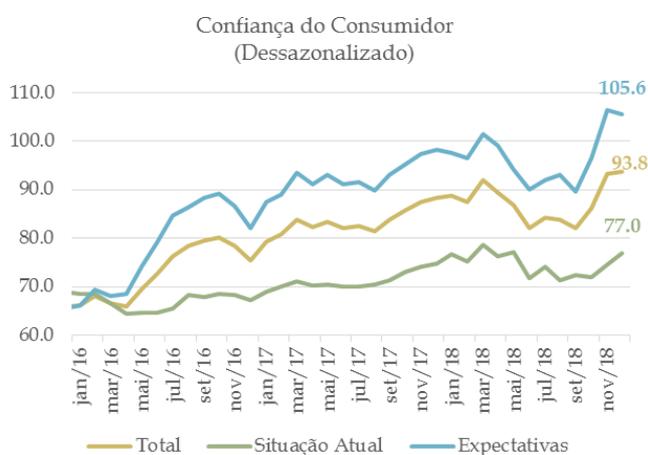


Fontes: IBGE e Banco ABC Brasil

Um dos fatores que acabou prejudicando o desempenho da economia este ano foi a greve dos caminhoneiros. O quase caos com a paralisação em maio acabou antecipando as incertezas com relação à eleição que seria realizada meses depois. Como podemos ver pelo Gráfico 2 de Brasil, a confiança dos consumidores (e o mesmo vale para a dos empresários), estava se recuperando no começo de 2018, no entanto, em maio o índice reverteu a tendência de alta e caiu sensivelmente.

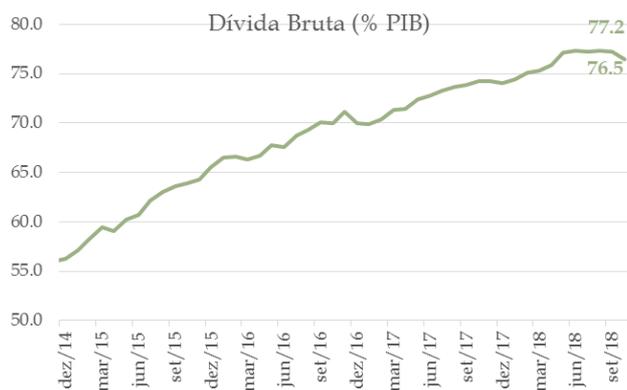
Considerando a situação atual, o índice ainda não voltou aos patamares de janeiro de 2018, mesmo com a recuperação pós-eleição. Atualmente, o que tem puxado o índice cheio tem sido o subíndice de expectativa sobre as condições futuras. Aqui dois pontos valem ser destacados: primeiro, olhando para o passado, a queda dos índices postergou investimento e consumo, prejudicando sensivelmente o desempenho da economia em 2018; segundo, olhando para o futuro, vemos que os três indicadores tendem a convergir, ou seja, ou a

confiança com a situação presente cresce e se aproxima das expectativas, ou temos mais uma queda do índice.



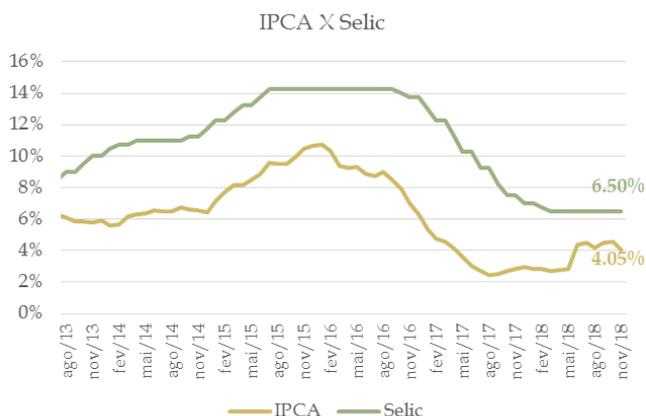
Fontes: FGV e Banco ABC Brasil

O que pode mudar as expectativas é a aprovação de reformas que gerem o reequilíbrio das contas públicas. A deterioração das contas públicas têm sido um dos principais entraves ao crescimento. Por isso, neste ano, ganhou tanta atenção dentro do debate eleitoral as propostas dos candidatos voltadas para o reequilíbrio das contas públicas. A eleição de um presidente que sinalizou ser a favor das reformas e a formação de uma equipe econômica que parece comprometida com a estabilidade fiscal é um bom começo para revertermos esta tendência de crescimento da Dívida/PIB. No entanto, não podemos nos enganar, o trabalho de aprovação das reformas será árduo em 2019.



Fontes: BCB e Banco ABC Brasil

O ano não foi marcado só por notícias negativas no âmbito econômico. Apesar dos vários choques ocorridos durante 2018, a taxa de inflação deve fechar dezembro abaixo do centro da meta. No último relatório Focus, o mercado projetou um IPCA 2018 de 3,69%. Além disso, as expectativas para os próximos anos estão ancoradas, com a projeção para 2019 também abaixo do novo centro da meta, de 4,25%. Esse comportamento da inflação permitiu ao Banco Central manter a taxa de juros estável na mínima histórica de 6,5% a.a..



Fontes: FGV e Banco ABC Brasil

Por fim, a taxa de juros em nível baixo e as incertezas que rondaram o país tanto no âmbito político quanto no econômico, levaram o Real a registrar umas das piores performances de 2018, tanto frente as moedas fortes como iene, franco suíço e euro quanto ante as ligadas a commodities, como dólar australiano e peso mexicano.



Fontes: Bloomberg

Este material possui cunho meramente informativo, não constituindo qualquer tipo de oferta, convite, proposta ou aconselhamento por parte do Banco ABC Brasil S.A. (“Banco”) aos seus destinatários para quaisquer fins, inclusive, mas não limitado, à contratação ou não de operações financeiras, negócios ou investimentos, bem como quanto ao desenvolvimento por estes, ou não, de quaisquer estratégias correlatas. O envio deste material aos seus destinatários se dá de forma gratuita e por mera liberalidade do Banco, não se configurando como qualquer tipo de produto ou prestação de serviços por parte deste, ao qual fica reservado o direito de descontinuar o envio destas informações a qualquer tempo e sem qualquer tipo de aviso prévio a seus destinatários. As informações contidas neste material foram obtidas de fontes públicas e consideradas razoavelmente apuradas na data de sua divulgação. O Banco não confere aos destinatários deste material qualquer espécie de garantia, direito ou pretensão no que se refere às informações ora apresentadas, bem como quanto à sua exatidão, completude, isenção, confiabilidade ou atualização. Quaisquer decisões, contratações, investimentos, negócios ou estratégias, relacionadas ou não às informações ora apresentadas, deverão ser adotadas, efetuadas ou desenvolvidas pelos destinatários deste material exclusivamente de acordo com seus critérios de avaliação próprios e sob sua integral responsabilidade, com base nas informações por estes obtidas de forma independente e de acordo com a análise e opinião de seus consultores, analistas e administradores próprios. O Banco não será responsável, perante os destinatários deste material ou quaisquer terceiros, por qualquer forma de utilização das informações ora apresentadas, bem como por quaisquer perdas diretas, indiretas ou quaisquer tipos de prejuízos e/ou lucros cessantes que possam ser decorrentes do uso deste conteúdo. Este material e as informações dele constantes somente poderão ser reproduzidos, divulgados ou redistribuídos com a expressa anuência por escrito do Banco. Este material não se constitui, e não deve ser interpretado, para quaisquer fins, como relatório de análise nos termos do artigo 1º da Instrução CVM n.º 483, de 06 de Julho de 2010.